

## **Leitura, cultura e arte: críticas nietzscheanas ao Estado alemão<sup>1</sup>**

**HÉLIO SOCHODOLAK<sup>2</sup>**

Ao prefaciá-las suas conferências acerca dos estabelecimentos de ensino alemães no último quartel do século XIX, referindo-se à leitura, Nietzsche tocou em um ponto muito sensível da educação praticada em seu tempo. O ensino da leitura neste período seria orientado para fins bem diversos daqueles que foram proporcionados a Nietzsche anteriormente. O jovem professor distinguiu duas direções concernentes ao ensino neste momento e altamente reprováveis do ponto de vista de uma leitura lenta, artística e avessa ao utilitarismo moderno como a que almeja. A primeira direção será a profissionalização do ensino, a segunda a utilização deste para atingir os fins a que se propõe o Estado, notadamente o Estado Prussiano.

Assim, na Primeira conferência *sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, Nietzsche denunciava a concepção de cultura presente nas escolas e identificava duas tendências nefastas e complementares apesar de aparentemente em oposição. Trata-se da expansão da cultura e de sua redução. (NIETZSCHE, 1994: 16)

Para Nietzsche, o que os alemães chamavam de cultura nos estabelecimentos de ensino, nada mais era do que a aplicação de métodos profissionalizantes de ensinar os jovens a tornarem-se produtivos e rentáveis, ou seja, cultura se identificava com dinheiro, com economia. Assim, difundir a cultura tornava-se necessário para que, seguindo um princípio da economia clássica, quanto mais cultura, mais dinheiro. Tanto mais rica a nação, tanto mais cultural ela terá sido neste sentido. (NIETZSCHE, 1994: 16)

Nietzsche avaliou com ironia a associação entre a cultura de identidade econômica e a cultura do alemão moderno. O cidadão alemão recebia uma formação rápida para que

---

<sup>1</sup> O texto a seguir é parte integrante de minha tese de doutoramento, *O Jovem Nietzsche e a leitura*, na Universidade Estadual Paulista – campus de Assis, sob a orientação do professor Hélio Rebello Cardoso Júnior. Com algumas alterações o presente artigo reproduz parte do primeiro capítulo da referida tese intitulado *Combatendo elementos não livres*.

<sup>2</sup> Doutor em História e professor no Programa de pós-graduação em história – UNICENTRO/Irati-PR – e-mail: sochodo@gmail.com

pudesse, mais que rapidamente, inserir-se no mundo do trabalho e da economia. Esta formação “cultural” lhe ensinava que “o trabalho traz felicidade” e que ser útil significava ser feliz! (NIETZSCHE, 1994: 95)

Vinculada a esta perspectiva de alargamento ou expansão de uma dada cultura, Nietzsche identificava a sua redução. Ou melhor, quanto mais universal e mais especializada fosse esta cultura difundida, tanto menor seria seu grau de profundidade. Proporcionalmente, maior seria a falência de uma cultura autêntica. A cultura entendida quantitativamente só poderia servir para benefício da economia, do Estado, de seu crescimento e manutenção. Conseguídos também pela força na Alemanha deste período, diga-se de passagem.<sup>3</sup>

O que Nietzsche percebia é que havia a tendência, não à ampliação de uma cultura autêntica, mas para uma cultura dotada de caracteres científicos e especializada, o que indicava não o seu desenvolvimento, mas sua redução. Para o autor, a ciência com sua especialização “vampiriza” (NIETZSCHE, 1994: 95) a sabedoria e transforma o homem de cultura num especialista incapaz de ver o todo. Com seu campo de visão reduzido tornava-se útil e dócil a uma nova forma de religião a serviço da economia e da política de Estado.

Assim, temos no entender de Nietzsche, num mesmo movimento, a destruição de toda possibilidade de crescimento de uma cultura autêntica, que poderia ser acessada através da leitura lenta dos clássicos e a construção de um novo leitor, o leitor apressado, dócil e útil. Este era o novo ideal de cultura para o alemão sob os auspícios de uma cultura de Estado.

É com este olhar que lançou sua análise sobre o *ginásio* e percebeu o quanto ele se vulgarizou e decaiu. Para ele o maior objetivo deste nível de ensino deveria ser o ensino da língua através de um estudo cauteloso e lento dos textos clássicos, uma vez que se aprende por imitação, eram estes os textos que deveriam ser tidos como referência.<sup>4</sup>

Para o jovem Nietzsche o professor deveria evitar expressões vulgares para que os alunos não as adquirissem, ao contrário, deveria retomar os textos clássicos e, linha a linha, desenvolver uma leitura rigorosa ajudando os alunos a compreender o sentido da arte de ler e por conseqüência, ajudando-os a desenvolver a arte de escrever. (NIETZSCHE, 1994: 100-101)

---

<sup>3</sup> Estamos nos referindo às estratégias bélicas comandadas por Bismarck com o intuito de criar e manter a coesão interna da Alemanha em processo de unificação.

<sup>4</sup> Texto clássico deve ser entendido aqui não no sentido empregado pelo classicismo, mas no sentido mais amplo da palavra como os textos mais expressivos de uma cultura.

Ao afirmar esta pedagogia, na verdade uma pedagogia a qual ele próprio se submetera especialmente na escola de Pforta, Nietzsche se opunha ao que ele chamava de jornalismo, ou seja, um estilo descontraído, superficial e vulgar de escrita que, no seu entender havia contaminado a sociedade alemã e de forma essencial o *ginásio*.

Para Nietzsche, o jovem alemão não seria capaz de reagir a essa “massificação” a que estava submetendo-se e às astúcias do discurso dos reformadores pedagógicos. Para eles o estudante deveria desenvolver desde cedo a autonomia, seja na capacidade de ler como na de escrever. Segundo o jovem Nietzsche isso se constituiria em um dos piores desserviços para a cultura que o *ginásio* poderia oferecer. (NIETZSCHE, 1994: 104-105)

Para ele, o jovem deveria, ao contrário, obter uma sólida formação lingüística e histórica. O passado da língua deveria ser exaustivamente estudado para que fosse possível compreender o seu desenvolvimento. Somente depois desse processo é que se poderia buscar autonomia. O próprio Nietzsche reconheceu que apenas na sua maturidade é que pôde abandonar seus mestres, especialmente, Schopenhauer e Wagner.

Assim, faltando aos *ginásios* uma sólida formação clássica e partindo de uma pedagogia da autonomia desde cedo, o jovem adquiria um estilo vulgar de expressão, notadamente jornalístico, sem respeito pela língua materna. Para Nietzsche, nos *ginásios* de seu tempo, o ensino da língua poderia ser comparado com o ensino da marcha ao soldado, algo mecânico, artificial e sem vida! (NIETZSCHE, 1994: 108) Isto levava o estudante a compreender a língua materna como algo a ser odiado e vilipendiado, o estudante aprendia a desprezar os exemplos grandiosos da cultura que passavam a ser vulgarizados. Ele passava a tratar Goethe, Schiller, Lessing ou Wilckelmann como a um de seus colegas. (NIETZSCHE, 1994: 109) No máximo eram compreendidos como poetas mortos, abertos ao toque do estilo jornalístico (jornalismo estético) (NIETZSCHE, 1994: 103). Isto para não falar da Antiguidade Grega, tratada no máximo, de forma antiquária. (NIETZSCHE, 1990)

Ao contrário, Nietzsche defendeu veementemente a necessidade de modelos na juventude para que a autonomia pudesse ser conquistada num processo gradual e seguro através da leitura dos clássicos. Da mesma forma a Antiguidade Grega pré-socrática deveria

ser tida como exemplar, devendo ser imitada, mas não repetida mecanicamente<sup>5</sup>. Assim, torna-se fundamental o estudo sério das línguas latina e grega, a gramática, a ortografia, o léxico, além de exercícios de tradução que são extremamente salutares para fecundar o sentido artístico dos jovens estudantes. (NIETZSCHE, 1994: 111) Do contrário, só se pode esperar o empobrecimento cultural e a emergência de uma linguagem desregrada e vulgar, tal como a que Nietzsche nomeava de jornalística.

É de se compreender a razão que fizera Nietzsche se desencantar com os leitores de seu tempo e concluir que não os encontraria para os seus textos e que estes deveriam esperar muito para o seu aparecimento. (NIETZSCHE, 1994: 139)

Neste sentido, Nietzsche se referiu à sua própria formação que o permitiu ter duas experiências. A primeira, considerada por ele como negativa e a segunda fecunda e positiva. A primeira foi a sua primeira produção autobiográfica, segundo ele um exercício exigido no *ginásio* aos jovens e para ele extremamente contraproducente. (NIETZSCHE, 1994: 103) A segunda experiência foi a escrita de seus primeiros textos reflexivos.

Nietzsche demonstrou certo constrangimento pelo texto *Minha vida* no qual, sem estar completamente maduro, descrevia fatos de seu passado que viriam a incomodá-lo posteriormente, não só pela ausência de estilo utilizado na escrita, como pelo conteúdo que preferiria esquecer. Assim, entendeu que este exercício autobiográfico, que viria constituir um ensaio do que os pedagogos de seu tempo chamavam autonomia, se configuraria na prática algo prejudicial à formação da personalidade dos jovens. A esse respeito na *Segunda Intempestiva* aprofundou a questão quando propôs uma medida farmacológica para a memória e o esquecimento.<sup>6</sup>

Não se poderia forçar a maturação da personalidade e chamar isto de autonomia, esta só vem a partir do momento em que o estudante sente certo domínio sobre os principais fundamentos da língua e dos seus mestres. Parece que era isto que Nietzsche sentia quando escreveu seus primeiros textos sobre a história. A saber, *Fatum e historia e liberdade da*

---

<sup>5</sup> Cf. NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: *Écrits posthumes 1870-1873*. Terceira Conferência. Ver também: SOCHODOLAK, Hélio. *Um homem em luta com o seu tempo: Nietzsche e a história na Segunda Intempestiva*. Londrina: UEL, 2001; onde se discute o conceito de *mimesis* em Nietzsche e sua oposição à concepção platônica.

<sup>6</sup> A esse respeito LACOUE-LABARTHE, Philippe. "Histoire et mimesis". In: *L'imitation des modernes*. Paris: Galilée, 1986. Conferência: três de março de 1983.

*vontade e fatum*. (NIETZSCHE, 1994) Neles o autor desenvolveu suas primeiras reflexões, as quais poder-se-ia dizer autônomas. Autonomia conquistada a partir da leitura de Emerson, entre outros.

Em *Fatum e historia*, texto de 1862, Nietzsche se propôs a abordar a história de uma forma desligada dos valores cristãos, mas confessou que não se via capaz de realizar uma análise imparcial da doutrina cristã e da história da Igreja devido à carga desses valores que recebera em sua formação. Assim, declarava profeticamente: “*Uma semelhante tentativa não pode ser obra de algumas semanas, mas de uma vida.*” (NIETZSCHE, 1994: 189)

O Jovem sentia-se impotente frente aos séculos de tradição e de idéias que, mesmo sem fundamentos lógicos, forneciam aos homens respostas que pareciam seguras. Comumente aceitas, constituíam “portos seguros” para os pesquisadores, cartesianos ou kantianos, por exemplo.

Ao contrário, Nietzsche, ainda com 18 anos sentia-se imbuído de um espírito libertário de conquistar gradualmente sua autonomia intelectual. Reconhecia que, em se tratando de valores tão arraigados quanto os cristãos, não havia tarefa mais impossível. Enganavam-se aqueles que afirmam ser mais fácil destruir do que construir. Seria necessário confrontar-se consigo mesmo e com os outros que partilhavam destes valores inculcados desde a infância. (NIETZSCHE, 1994: 198)

Nietzsche percebia que a doutrina cristã não condiz com a sua história secular e pretendia, com esta, desmistificar o catecismo. A história possui outro funcionamento que não aquele fundado sobre conjecturas e simples suposições, tais como Deus, imortalidade, autoridade da Bíblia, revelação, etc, afirmava o jovem Nietzsche. Deveriam existir outras possibilidades de se compreender a vida.

A partir desses questionamentos o jovem Nietzsche valorizava leituras que somente poderia realizar com propriedade dez anos mais tarde<sup>7</sup>. Para ele, apenas a história e as ciências da natureza seriam capazes de interromper o longo reinado do céu sobre a terra. Afirmava então: “*A história e as ciências da natureza, heranças maravilhosas de todo nosso passado, anunciadoras de nosso futuro, são fundamentos seguros sobre os quais nós podemos*

---

<sup>7</sup> A este respeito JANZ, Curt Paul. *Nietzsche*. Traduit de l'allemand par Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 1984. vol. 2. p. 30. Remetemos também ao último capítulo de nossa dissertação de mestrado: *O duelo com o seu tempo: Nietzsche e a Segunda Intemperativa*. In: SOCHODOLAK, Hélio. Op. Cit. Será a partir do início da década de 1870 que Nietzsche fará leituras específicas sobre química, física e astronomia.

*construir os edifícios de nossa especulação.* ” (NIETZSCHE, 1994: 190) Neste momento, Nietzsche questionava se era preferível acreditar que o homem fosse oriundo da vontade arbitrária dos deuses, ou era melhor entendê-lo como estando num estágio de desenvolvimento entre a planta e o animal. Ou seja, parte do mundo natural, e não abaixo ou acima dele.

Nietzsche demonstrava profundo débito para com Emerson, uma leitura muito cara para ele neste período. Em sua autobiografia destacou como uma das principais leituras no ano de 1862 ao lado de *Idéias sobre a arte* de Büchner e *A educação estética do homem* de Schiller. (NIETZSCHE, 1994: 112) Marc Crépon informa que a biblioteca pessoal de Nietzsche contava com vários volumes de Emerson traduzidos para o alemão tais como: *Conduct of life* (1860), *Essays, first series* (1856) além de um texto de 1876: *Essays, second series*. Foi grande a admiração de Nietzsche por Emerson durante a elaboração de toda a sua obra, vale citar o verbete sobre Emerson em *Crepúsculo dos Ídolos* onde, com admiração, elogiava o estilo refinado e a felicidade e profundidade de seus escritos.<sup>8</sup>

Nietzsche elaborou uma alegoria para a história. Comparou-a a um grande relógio num movimento eterno, num eterno *devoir*. Os números são os fatos, os ponteiros inauguram um novo ciclo a cada minuto... “*Um novo período do mundo se inaugura*”. Há um fim? Se havia, Nietzsche não se arriscou sobre isso. Não está ao alcance da humanidade nem enquanto finalidade nem enquanto centralidade. (NIETZSCHE, 1994: 190-191)

O jovem Nietzsche, com base em Emerson, questionava a centralidade do ser humano na história e a possibilidade de autoconsciência do homem. Não havia apenas uma natureza humana, uma vez que ela não se manifestava da mesma maneira em todos os momentos e em todos os lugares. Povos diferentes respondem de maneiras diferentes a problemas semelhantes. O temperamento humano seria constituído a partir de forças inconscientes e impossíveis de serem controladas, afirmava o jovem filósofo. Isso se apresentava ao homem como um sentimento doloroso uma vez que implicava a perda de sua liberdade e independência frente às forças da natureza. Então, não haveria saída?

E, mais uma vez, Nietzsche retomou suas leituras e apresentou dois argumentos, um com base na filosofia antiga e outro em Emerson. No primeiro caso, apostou na

---

<sup>8</sup> CRÉPON, M. nota 31. In: NIETZSCHE, F. *Écrits autobiographiques 1856-1869*. p. e NIETZSCHE, F. *O Crepúsculo dos deuses*. Trad. Maria do Carmo Ravara Cary. Lisboa: Presença, 1971. p. 93. verbete Emerson.

impossibilidade da existência de algo sem o seu contrário, ou seja, se há o *fatum*, algo lhe forneceria garantia, tratava-se do seu contrário, o livre arbítrio. Assim, aquele povo que reconhece e evidencia em sua cultura o *fatum*<sup>9</sup> se distingue por sua força e firmeza de vontade. Ao passo que, aqueles povos que crêem em divindades bondosas, deixam-se levar e se encontram historicamente em situações degradantes. Assim, o livre-arbítrio nasceria do reconhecimento e da afirmação da inevitabilidade do *fatum*.<sup>10</sup>

No segundo caso, Nietzsche recorrendo a Emerson, afirmou: “*Todo pensamento está unido à coisa que aparece como sua expressão.*” Neste sentido, o jovem Nietzsche de 18 anos, filia-se ao princípio da correspondência entre o pensamento e a coisa, da qual o primeiro é expressão.<sup>11</sup> Assim, se podemos elaborar no intelecto algo como livre-arbítrio é porque existe algo que corresponda a este conceito.

Daí, pergunta: “Uma nota musical pode nos tocar se não existe uma corda que lhe corresponda em nós?” E conclui: “A livre vontade não é mais do que uma abstração, o que significa que não há a capacidade de agir conscientemente. Somente compreendendo o “*fatum*” nós compreenderemos o princípio que guia nossas ações inconscientes.” (NIETZSCHE, 1994: 96)

O jovem Nietzsche concluiu esta argumentação de uma forma fantástica para um leitor/escritor de 18 anos. Para ele, o livre arbítrio e o *fatum* concedem equilíbrio à história. O

---

<sup>9</sup> Na Mitologia grega *Fatum* é o deus do destino, cujo nome provinha da raiz *fari* (“falar”), significando a própria palavra de um deus, e portanto uma decisão divina irreversível. Com o decurso do tempo, sob a influência das lendas gregas, *Fatum* passou a significar as divindades ligadas ao destino, como as Moiras (Em Homero e em Hesíodo foram reduzidas a três: Átropos, Clotó e Láquesis e passaram a determinar o destino de todas as criaturas humanas e de cada uma delas fixando desde o nascimento a duração de sua vida e seu curso mediante um fio que uma delas fiava, outra enrolava e a terceira cortava quando chegava a hora prefixada para a morte), as Parcas (Em Roma eram as divindades do destino, correspondentes às Moiras gregas) e as próprias Sibilas (Sacerdotisas encarregadas de proferir os oráculos de Apolo). Cf. KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Verbetes *Fatum*, *Moiras*, *Parcas* e *Sibilas*. p. 146, 247, 304 e 356.

<sup>10</sup> É possível associar este conceito, na forma como o jovem Nietzsche de 18 anos o utiliza, guardadas as devidas proporções, com o conceito de *dionisíaco* que irá sistematizar posteriormente nas obras do final da década de 1860 e inícios da década de 1870. Da mesma forma que é preciso reconhecer que está se referindo ao cristianismo, como o que possui divindades bondosas, e aos gregos que, ao afirmar o *fatum* desenvolveram o livre-arbítrio (Souberam harmonizar as forças apolíneas e dionisíacas a partir da arte, diria em *O nascimento da tragédia*). Já nesse momento, para Nietzsche, os gregos serviriam como exemplo para a modernidade e o cristianismo como um elemento não-livre de seu tempo.

<sup>11</sup> Posteriormente, por exemplo em *Verdade e mentira no sentido extra-moral*, Nietzsche irá renunciar a essa leitura, pois ela implicaria em reconhecer como fundamento da verdade a noção de correspondência. Para ele, agora influenciado grandemente pela leitura de Schopenhauer, o que se chama de verdade nada mais é do que uma representação ou metáfora do mundo.

primeiro possibilita ao homem agir e acreditar sem limites. Mas o segundo o recoloca em seu lugar e lhe recorda de sua ligação orgânica com o todo, o que o obrigaria a dominar sua força livre. Assim, finalizou: “... uma liberdade absoluta sem o “*fatum*” faria do homem um deus, o princípio da fatalidade isolado o faria um autômato”. Portanto, a história ocorreria não por designação arbitrária dos deuses, mas no equilíbrio de forças.

Para Janz, estes textos do jovem Nietzsche são temporeões de toda sua obra, uma vez que indicam “... todos os impulsos do pensamento nietzschiano e porque desenha(m) também os contornos daqueles que logo serão seus problemas decisivos...” (JANZ, 1978: 91) Destacando-se a crítica ao cristianismo, mas também poderíamos apontar a concepção trágica de sua filosofia e a idéia de *amor fati*. Além da idéia de *eterno retorno*.

Para nós, mais do que isto, Nietzsche pareceu desenhar uma utilidade prática para a sua leitura de Emerson. A leitura passou a ter um importante papel em sua vida, uma vez que serviu como base para combater valores arraigados em sua própria cultura. Ler adquiriu a conotação de um combate e, sobretudo, revelou um excelso objetivo: ler para se desfazer de valores inculcados desde a infância. Tratava-se de uma luta contra verdades construídas a partir de relações sociais ao longo da história.

Nietzsche abordou com precisão tais relações em *Introdução teórica sobre a verdade e a mentira no sentido extra moral* de 1873. Afirmou ele:

Uma multiplicidade incessante de metáforas, de metonímias, de antropomorfismos, em síntese, uma soma de relações humanas que foram poética e retoricamente elevadas, transpostas, ornamentadas, e que, após um longo uso, parecem a um povo firmes, regulares e constringedoras: as verdades são ilusões cuja origem está esquecida, metáforas que foram usadas e que perderam a sua força sensível, moedas as quais se apagou a impressão e que desde agora não são mais consideradas como moeda de valor, mas como metal. (NIETZSCHE, 2001, 96)

De fato, nestes escritos juvenis, Nietzsche já apresentava toda a sua motivação contra os mecanismos de inculcação de verdades através de mecanismos educacionais, fossem eles estatais ou religiosos. São mecanismos de poder que se advogam o direito de dizer a verdade e impelem ao uso de metáforas usuais sob a designação de verdades. Elas nascem, pois, sob o signo da violência. Neste sentido, ler significa reagir, adquirir instrumentos para que se possa questionar as verdades e, principalmente, permitir o autoconhecimento, aquele assolado pelas convenções sociais e conceitos que “*igualam o não-igual*”. (NIETZSCHE, 2001: 68)

Desta feita, podemos afirmar que o jovem Nietzsche era partidário de uma leitura intensiva e artística dos textos, leitura que lhe permitisse o autoconhecimento e lhe possibilitasse a aquisição de um “instrumental bélico”. Percebemos que o jovem Nietzsche estava preocupado com a leitura e a escrita de textos num formato que se distinguiu completamente do que chamou de *estilo jornalístico*. Para ele a criança aprendia por imitação. Importa que ela pudesse ler com vagar, sentindo toda a carga estética do estilo dos grandes autores e artistas da língua alemã (Goethe, Lessing, Schiller), para que pudesse imitá-los criativamente não desenvolvendo uma leitura apressada e superficial. Tais características da leitura deveriam também ser transpostas para a escrita que exigiria *maturidade* para ser desenvolvida.

Estas tipologias de leitura e escrita iriam se confrontar com um modelo hegemônico nos estabelecimentos de ensino por toda a Alemanha. Um modelo jornalístico que foi compreendido por Nietzsche como utilitário no sentido econômico e político na medida em que atendia aos interesses do Estado. Para ele, isso significou decadência de uma cultura autêntica, como já afirmamos anteriormente.

Neste sentido, o jovem Nietzsche encontrava, provisoriamente, na filologia uma possibilidade pedagógica e hermenêutica da leitura dos clássicos. A filologia irá possibilitar uma aproximação crítica da Antiguidade, inclusive dos textos bíblicos. Por outro lado, forneceu uma possibilidade de recuperar a grandeza da língua alemã e uma negação do “jornalismo” enquanto forma de expressão. Isto exerceu uma grande atração sobre o jovem Nietzsche: por oferecer-lhe uma via de formação pessoal, a um só tempo, complementar ao universalismo de Pforta e alternativa à teologia que deveria ter continuado a estudar em Bonn para tornar-se pastor como seu pai e avô. Assim, seguiu Ritschl para Leipzig (1865) e aos poucos adquiriu autoridade na disciplina, tornando-se logo professor e doutor em filologia clássica (1869). Mas essa já é outra história!

JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche* vol. 1: Infância y juventud. Trad. Para o espanhol de Jacobo Muñoz. Madrid: Alianza Editorial, 1978.

JANZ, Curt Paul. *Nietzsche*. Traduit de l'allemand par Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 1984. vol. 2. p. 30.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 6 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LACOUÉ-LABARTHE, Philippe. "Histoire et mimesis". In: *L'imitation des modernes*. Paris: Galilée, 1986. Conferência: três de março de 1983.

NIETZSCHE, F. *A genealogia da moral*. Trad. Carlos José de Meneses. Lisboa: Guimarães editores, 1983. p. 16.

NIETZSCHE, F. *Aurora*. Trad. Rui Magalhães. Porto: Rés, 1977. p. 11.

NIETZSCHE, F. *Considérations inactuelles II*. In: *Considérations inactuelles I et II*. Trad. de l'allemand par Pierre Rusch. Paris: Gallimard, 1990.

NIETZSCHE, F. *Correspondance I Juin 1850- avril 1869*. Textes établis par Giorgio Colli et Mazzino Montinari. Paris: Gallimard, 1986. Cartas 389 e 392. À Franziska et Elisabeth Nietzsche: 16 e 19 de outubro de 1863.

NIETZSCHE, F. *Correspondance II Avril 1869-décembre 1874*. Textes établis par Giorgio Colli et Mazzino Montinari. Trad. De Jean Bréjoux et Maurice de Gandillac. Paris: Gallimard, 1986. Carta 300. A Rohde: 22 de março de 1873.

NIETZSCHE, F. *Correspondência*. Trad. Felipe González Vicen. Madrid: Aguilar, s/d.

NIETZSCHE, F. *Écrits Autobiographiques. 1856-1869*. Trad. Marc Crépon. Paris: Presses Universitaires de France, 1994. p. 16.

NIETZSCHE, F. *O livro do filósofo*. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. 3 ed. São Paulo: Centauro, 2001.

NIETZSCHE, F. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: *Écrits posthumes 1870-1873*. Textes e variants établis par G. Colli et M. Montinari. Traduits de l'allemand par Jean-Louis Backes, Michel Haar et Marc B. de Launay. Paris: Gallimard, 1975.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Nietzsche: biografia de uma tragédia*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2001. p. 325-327

SOCHODOLAK, Hélio *Um homem em luta com o seu tempo: Nietzsche e a história na Segunda Intempestiva*. Londrina: UEL, 2001.